

PORTUMÁTICA

No princípio era o Verbo e o Verbo após um sono cósmico... bruummm cabruumm (ou Big Bang), acordou e pôs-se a trabalhar; criou todas as coisas em seis dias e fez uma pausa no sétimo. Ufa! Assim nasceu Vírgula para clareza das orações que viriam para todo o sempre... Amém!

A Insinuante notação sintática é flexível, gentil, mas problemática. Ela se dá bem com quase todos os sinais gráficos. Conhece seu lugar, acontece aqui e ali nas frases, separando explicativas, apostos, vocativos, conjunções; todavia, não se mete entre o verbo e o sujeito da oração, nem entre o verbo e seus complementos.

Vírgula detesta Apóstrofo porque ele é sobrescrito, aristocrático e se diz o maior, no alto da palavra. Ela, subscrita, não é menor, pelo contrário, é muito importante e para evitar entreveros, se mantém distante dele na palavra.

Pois bem, Vírgula que também atende sob o extravagante nome de Coma, um dia se viu ao lado de um Ponto intruso, não abreviativo. O momento foi curtíssimo, um erro de escrita ou digitação (,). Ponto foi retirado do local, como convinha à boa gramática e posto no final da frase, que era o caso. Vírgula e Ponto trocaram alguns olhares e ela se apaixonou à primeira vista pelo bonitão, sarado, redondinho. Não podiam viver sozinhos, nasceram um para o outro. Procuraram solução para seu amor e foram ao doutor Chaves, o escrivão do cartório de registro civil, que os uniu parodiando o bardo “Que seja infinito enquanto dure”. Vírgula tremia de emoção. O escrivão ralhou: Não trema! Esqueceu de que trema é exceção na Língua Portuguesa?

Após o casório formaram o lindo par Ponto e Vírgula. Podiam, desde então, ser, estar e ficar juntos, sem afrontar a sintaxe. Compareciam poucas vezes no discurso como, por exemplo: nas enumerações, nas orações muito longas, já virguladas, sempre respeitando as regras. Eram muito apaixonados e felizes, mas não o foram para sempre...

O casal teve gêmeos que receberam, no batistério, os nomes de Alínea e Asterisco. As crianças, com o passar dos anos, já na adolescência, lhes trouxeram muitos aborrecimentos. As más companhias... talvez, pois, se envolveram com a turma do Til, Aspas, Cedilha e outros encrenqueiros, que os levaram ao mau caminho. Tantas vezes foram postos sob chaves e por longas temporadas.

Os aborrecimentos filiais, combinados com o fastio de convivência rotineira, acabaram trazendo alguns senões àquela união estável. Apareceu Itálico que insinuante e convincente apresentou Vírgula a outro Ponto. Este, negrito, boa-pinta e namorador. Conversa vai, conversa vem, Vírgula capitulou e aconteceu o inevitável encontro. Trio amoroso se formou com Vírgula e dois pontos. A família correta se desfez em conjunto vazio. Rumores corriam em proporção alarmante no clã dos sinais de pontuação. Havia o boato de que Vírgula ia regularmente ao hotel Colofão... E daí! Quem sabe era somente para

virgular texto erudito de algum hóspede? Mas o linguarudo tipógrafo, Diple, espalhou notícia ferina: Vírgula, em conjunção com negrito, abandonava o grande amor da sua vida.

Ampersand e companhia, sempre cansado, de cócoras, como cigano ladino falou, sem reticências, que havia uma dissensão no campo das notações sintáticas. Contou tudo pro Ponto aumentando um ponto, pois, quem conta um conto...

Ponto, desesperado, pensava que estavam lhe botando aspas.

“Como me separar da Vírgula? Eu a amo” Afundava-se na autopiedade, caminhando nas avenidas da vernaculidade em solilóquio.

— Onde errei? Mereci isto? Mundo cruel! Quê fazer?

Na confraternização de fim de ano, Vírgula foi secante, só dançava com Seno e Cosseno e dava tangente no Ponto, que se achava número imaginário, figurante no salão. Em crise existencial pensava ser bola, gota, pingo, borrachudo etc. “Vírgula me desprezou, sou apenas mancha a ser retirada com borracha ou corretivo”. E num dilema shakespeariano, ser ou não ser, sou ou não sou, chorava as mágoas no pé-sujo, Pé de Mosca, do ‘seu’ Obelisco. Com toda probabilidade dormiria ao relento, pois, não tinha um ombro como ponto de apoio amigo. Matutava, murmurava:

— Ela vai ver comigo! Sou diferente! Sei me posicionar no discurso.

Oh! Suprema humilhação. Gritavam Cornaça, quando pontuava aqui e ali. Não sabia o significado, porém, intuía a ofensa. Era Ponto sem mácula, agora, envergonhado, solitário e triste, confundia-se com a última letra do verbete.

Vírgula posta entre parênteses curvados, zangados, negou que pulava a cerquilha. Mas ela estava tão distante do Ponto como se houvesse linha pontuada entre eles, e seus corações não mais batiam em sincronia. Não queria ser geratriz de pontinhos e virgulinhas, pois, não amava Ponto que, para ela, era somente pinta a ser expurgada na redação.

O vizinho Grifo, o mais indignado, resolveu pôr os pingos nos ii e apostrofou Vírgula que negou entre colchetes, insinuando que havia conspiração para desmoralizá-la.

— Eu sou feminina, singular, bela, curvilínea e assediada.

Circunflexo, que nos bons tempos protegera os voos de Vírgula com seu guarda-chuva, agora, sisudo a criticava, dizendo-se com enjoo dela. Revoltado estava, porque perdera o direito de acentuar alguns vocábulos, em face das mudanças recentes na grafia da Língua Portuguesa.

— Que pena! Ironizou Vírgula, meu acento agudo permaneceu. Você perdeu o chapéu e a utilidade em casos de oo, bem como no quarteto crer, dar, ler e ver, o mnemônico credelevê. Tchau-Tchau!

Cedilha a minhoquinha infeliz, queria alguém para companhia. Rompeu a película da sublinha e crás! Subpôs-se ao primeiro cé distraído e, em total simbiose, metamorfoseou-se naquele que causa problemas aos sibilantes incautos na ortografia: Cé-cedilha que foi à caça para cassar Vírgula desviante ou não.

Crase, escorregadia como casca de banana, apontou o hiato na vida do casal e acentuou:

— Isto é grave, não há locução que os reproxime.

Ponto e Vírgula pararam de multiplicar. Não devem dividir o leito.
Estavam no limite, alguma coisa ia acontecer....

— Que se passa??? (interrogações gerais).

- Não sabemos!!! (exclamações de espanto e ironia).

Chamados a testemunhar, Hífen e Travessão discutiram. Este acusou aquele de invadir sua seara, principalmente nos diálogos, como no acima. Surpreso e sem razão, Hífen estava com complexo por ser menor. Esticou-se o quanto pode e transmudou-se em meia-risca, ambígua e marota, que só trouxe mais confusão. Sendo adventícia, indesejada, retomou o estado de hífen, o tormento dos escribas.

Amigos, os deixa-disso, entraram em cena, ânimos são serenados, celebraram a paz:

— Hífen é notação léxica / no campo vocabular. / Travessão é da sintaxe / com função de separar. / Sabença é fundamental, / cada qual no seu lugar. //

Ponto, porém, sentia-se igual a zero, ou melhor, zero à esquerda duma fração decimal. Vírgula o abandonava e mimava o número (primo), à direita, na dízima periódica que formavam. E resolveu confrontar o problema num dia crítico. Descontrolado, decidiu pelo ‘virgulicídio’. Com uma adaga se armou, tendo ajuda de Integral, insidiosa jararaca-preguiçosa. Derivada sabia que a série de faltas de Vírgula era motivo determinante para Ponto invocar seus direitos. Ponto era pacífico, porém, estava fora de si, deprimido. Quando a encontrou disfarçada sob linha tracejada. Extrapolou na reação e nocauteou-a com a barra num translinhamento. Ela estonteada caiu noutra linha em tremenda cacografia. Ponto fugiu para a bucólica Duas Barras.

Vírgula estaria morta ou ferida? Ninguém sabia. As informações eram confusas, contraditórias e inconsistentes. Os amigos, então, resolveram:

Instalar um comitê / pra avaliar a questão. / Arroba e dona Cifra, / com o marido Cifrão. / E o Til nasalizando: / — É melhor separação. //

A comissão reuniu, reuniu e registrou em ata que fora apenas um parágrafo na vida do casal; eles iriam se entender, porque ‘ponto e vírgula’ é indispensável ao beletrista.

— Pobre Ponto! Condoeram-se alguns.

— Vírgula é a raiz dos desencontros. Disseram novos olhos cobiçosos.

— Parem! Chegada é a hora, assinalou o poeta. O diz que diz que deste drama precisa acabar. Tudo já chegou ao ponto, mas uma coisa me enlouquece: É ver um ponto solto e uma vírgula a vagar. Afinal, se não há ponto sem vírgula em texto que sempre dure, também não há texto sem vírgula e ponto que nunca se acabe... num ponto-final.

O porta-voz dos símbolos matemáticos comunicou que se retirariam do texto, porque se convenceram de que participaram de uma farsa em terreno subjetivo. Voltariam ao campo das ciências exatas, onde dois mais dois somam quatro ($2+2=4$), não importa o contexto, sem receio de preconceito.

Vírgula, a maestra da sintaxe, não se abalou e continuou marcando compassos na sinfonia da prosa ou da poesia.

E o Senhor viu que era boa neste mister. E se alegrou.